

BIBLIOTECA E LEITURA: DOS TABLETES DE CERÂMICA AOS TABLETES ELETRÔNICOS

Flomar Ambrosina Oliveira Chagas
Instituto Federal de Goiás (IFG) - Brasil
flomarchagas@gmail.com

Resumo

Esta pesquisa bibliográfica teve como objetivo verificar a função da leitura, da biblioteca, em diferentes épocas. A biblioteca teve a função de formar o leitor? Os diferentes estilos e modalidades da leitura ocorreram com a preocupação em prol da formação literária? Este é um tema de investigação pouco explorado, comprovado pela análise da literatura, pela ausência de projetos de pesquisa e de discussão rara existência nos eventos acadêmicos. Conclui-se que ao longo dos tempos há mudanças quanto ao estilo e às modalidades da leitura e que o objetivo das bibliotecas não foi o de preocupar com a formação do/a leitor/a.

Palavras-chave: Biblioteca. Leitura. Formação de leitores

Introdução

A história das bibliotecas, desde as salas de arquivo dos palácios orientais até as bases de dados acessíveis pela internet é, ao mesmo tempo, a história da transformação dos leitores, das leituras, das políticas de domínio e de comunicação da informação.

No Brasil, a história das bibliotecas e do livro é pouco conhecida. Embora essencial para o conhecimento do nosso avanço cultural, ainda é um campo praticamente inexplorado. Na idade média brasileira, século XVI e séculos depois, por exemplo, não houve a preocupação com a formação de leitores e muito menos com a de leitoras. Além de que a censura chegava de todas as formas, no silenciamento das políticas públicas, das políticas de ordem religiosa, econômica e militar. O Instituto Nacional do Livro /INL foi silenciado da função de circulação de livros. Assim, até os primeiros anos do século XIX, livros e bibliotecas públicas eram praticamente inexistentes.

A cultura da biblioteca, do livro, da leitura, infelizmente, está longe de ocupar o espaço que deveria ter na vida da população brasileira. As raízes do desinteresse vêm desde o período da colonização, a qual não favorecia qualquer desenvolvimento cultural.

A leitura deveria começar ainda na creche, que, antes de ser um projeto assistencial, deveria ser um projeto educacional, em que as crianças, antes de saberem andar, deveriam engatinhar com os livros no chão, virar as páginas, brincar com os livros. Por sua vez, a biblioteca não tem sido um ambiente cativante, pouco atrai leitoras e leitores, motivo da sua existência.

Nos dias atuais, distante encontra-se a biblioteca, a leitura/literatura quando, deveria ser essencial nas atividades educacionais, em qualquer disciplina. Há lacunas justamente na escola, que é o centro onde se deveria construir e desenvolver o conhecimento. Assim entende-se o porquê de estudantes frequentarem a escola por tantos e tantos anos e encontrarem dificuldades em relação à leitura, à compreensão do que se lê.

Há diversos tipos de silêncio, dentre eles destaca-se o silêncio predominante da produção científica. A biblioteca ainda é um tema de investigação praticamente inexplorado, o que se comprova pela análise da literatura, pela ausência de projetos de pesquisa e rara discussão sobre o tema nos eventos acadêmicos, entre outros. Ao realizar um levantamento nos catálogos e teses da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (Anped), Silva (2003) constatou que, no período de 1983 a 1989, das 1.595 monografias publicadas, apenas três tratam da biblioteca escolar. Os anais de congressos e outras obras privilegiam o problema da informação científica e raramente a problemática das bibliotecas escolares. E ele ainda acrescenta: “podemos afirmar que a biblioteca escolar é um objeto desprezado pela Educação” (SILVA, 2003 p.19).

Outro silêncio é quanto aos recursos humanos que atuam nestes recintos, para Silva (2003), raras são as pessoas dispostas e preparadas para atividade tão importante, especialmente na dinamização da leitura. Os gestores, na sua maioria, por não ter tido, na época de estudante, um espaço cativante, não têm consciência da sua obrigação de oferecer “tal ambiente de estudo e de pesquisa para que o aluno seja iniciado nas lides da pesquisa escolar na biblioteca”, (MACEDO 2005, p.65).

Além de que são raros os municípios brasileiros que possuem livrarias, e a presença de bibliotecas públicas é incipiente na maioria deles, nas condições apontadas por Milanesi (1983, p.54), “felizmente o município tem uma, funcionando no antigo

prédio da cadeia pública. Só abre às 9 horas e fecha às 17. Horário de funcionário público e não de leitor”.

O motivo que nos leva a escrever sobre a temática é o de saber da importância da leitura na vida das pessoas, em especial, das crianças e deparar com a miséria da biblioteca escolar, “Queremos bradar contra o abandono, o desprezo e a indiferença a que vem sendo submetida à biblioteca escolar neste país, sobretudo na escola pública” (SILVA, 2003, p.13). Para esse autor, os espaços denominados bibliotecas, são locais em que se guarda o que se encontra danificados ou a por terem perdido sua utilidade (SILVA, 2003, p.15). Assim, as bibliotecas estão longe de merecer a denominação de biblioteca.

Para Eco (1994), entretanto, apesar de ser o lugar onde se encontram muitas ferramentas e materiais essenciais para o trabalho escolar, que proporciona abertura de horizontes, a biblioteca é ignorada como assunto digno de reflexão, de estudo. Na educação básica, prevalece o livro didático que fragmenta o conhecimento e não aguça o gosto pela leitura.

Dessa forma, a biblioteca escolar ou a pública é um tema fértil de pesquisa, tema relevante. A partir daí, busca-se responder: qual é a função da leitura, da biblioteca ao longo dos tempos?

Renascimento: uma nova era na história das bibliotecas e da leitura

A função da biblioteca muda-se ao longo do tempo. Nos tempos antigos, a biblioteca era depósito, *casas dos tabletes*. Além de local de guarda e manuseio de material escrito, a primeira função da biblioteca, historicamente, era indistinta da função do arquivo, tinha a função de memória, que se refere a reunir e preservar os registros do conhecimento. A Biblioteca de Alexandria inspirou poder, era um lugar erudito destinado aos homens de letras. Para Chartier (1999), os livros eram reservados a um número muito restrito de mestres e discípulos. Na antiguidade, talvez, a função atribuída à biblioteca tenha sido a de recolher os rolos, depois entesourar, mais tarde transcrever. A prática de leitura, de entretenimento (poesia e livros de magia) do Mundo Antigo foi limitada apenas às Escrituras Sagradas no interior das Igrejas, dos claustros, das escolas religiosas.

O mundo antigo ofereceu aos humanistas várias formas de utilização das bibliotecas. Estas formas, por sua vez, trouxeram algumas consequências, como por exemplo, o enfrentamento da natureza por parte dos senhores e do bibliotecário, como escreve Grafton (2006, p. 176), “Os livros em pergaminho cheiram mal e atraem os roedores. Os leitores precisam de calor e luz; mas o sol pode danificar os livros, e a fumaça de carvão prejudica também os homens”.

No início da Alta Idade Média (séculos V-XI), as bibliotecas exerceram papel importante na formação da cultura medieval, período menos conhecido e mais desprezado, principalmente no século VI, época em que a cultura antiga estava ameaçada de desaparecer. As bibliotecas privadas eram praticamente inexistentes, exceto algumas dos reis e ou dos imperadores, que viam o livro como interesse material devido às belas e ricas ornamentações.

Nas salas escuras das bibliotecas, de ar e de livros pesados, reinavam a ordem e o silêncio. Toda cultura monástica se constrói a partir da Bíblia. Do século VI até o fim da Idade Média, o saltério torna-se o livro de leitura elementar no Ocidente. As bibliotecas monásticas, durante este período, além de valor material e intelectual, tiveram valor simbólico, semelhante ao da cruz.

Segundo Battles (2003), depois da Bíblia, as obras de Agostinho e de Boécio constituíram o cardápio típico da Idade Média. O livro foi essencial na vida monástica e na manutenção da unidade religiosa europeia. Cada mosteiro era, com sua biblioteca enriquecida pelo trabalho dos escribas, como uma editora que permitia a sobrevivência e a difusão dos livros. Por um lado, há controle rígido sobre a circulação dos livros e sua existência por parte dos soberanos e dos monges; por outro, os escribas também tinham poder sobre os livros, pois eram eles que os mantinham vivos.

A biblioteca medieval era um centro de produção de manuscrito. Eram bibliotecas que não se encontravam abertas ao uso do público. Elas representavam o poder, o mistério, a contemplação.

Já durante o Renascimento, século XV, foi a época áurea das bibliotecas; com certeza, pode-se dizer que o livro viveu a sua mais bela e apaixonante história; é o livro se livrando das salas escuras, livro se desacorrentando para que pudesse ser social, havendo maior consciência social do seu significado.

Nesse período, nas bibliotecas universitárias, os livros foram perdendo seu caráter de objeto sagrado e secreto. Começa um estilo outro do silêncio. Enquanto os livros das bibliotecas monacais eram inacessíveis, nas bibliotecas das universidades eram disponíveis aos utentes

Do ponto de vista arquitetônico, essa nova biblioteca é constituída por uma sala comprida, [...] dos quais os livros, para leitura e consulta, ficam presos por meio de correntes. O quadro que define esse novo modelo de biblioteca é o silêncio: silencioso deve ser o acesso ao livro, perturbado apenas pelo tilintar das correntes que o prendesse ao banco. Silenciosa deve ser a procura de autores e de títulos [...] (CAVALLO; CHARTIER, 2002; p.23).

Vê-se que os livros ficavam presos por correntes às estantes e eram, assim, levados às mesas de leitura. Desse modo, as bibliotecas pré-renascentistas trouxeram o caráter de espaço de liberdade e de conhecimento à biblioteca, instrumento fundamental para a circulação de ideias.

Segundo Baratin e Jacob (2006), os fundadores das bibliotecas renascentistas se interessavam ardentemente pelas grandes bibliotecas da antiguidade e faziam buscas intensas para encontrar livros de seu interesse ou que pudessem aumentar ainda mais seu prestígio justo aos seus pares e súditos. Mas pouco se sabe sobre a formação das bibliotecas humanistas.

Foi também neste período que houve a preocupação com a situação física dos livros, com a disposição arquitetônica; a organização interna e tantos outros detalhes começaram a ser avaliados nas bibliotecas e medidas técnicas foram tomadas para superar os problemas existentes.

Esse momento contribuiu para a mudança do papel do bibliotecário, como agente central da sustentação das bibliotecas, passando de pessoa responsável pela conservação e reposição dos livros (cuidador de livros), para uma pessoa de importante formação intelectual. Por ser um guia de ajuda na caminhada para um mundo novo e aberto, o bibliotecário deveria ser pessoa culta. Cria-se assim, a figura do bibliotecário profissional como a principal incumbência orientar a leitura dos que buscassem este recinto do saber.

Entre as mudanças, estavam as instalações e a distribuição dos móveis: estantes afastadas das paredes, espaços iluminados por luz natural. Os livros não seriam mais acorrentados, havia, ainda, a necessidade de dotar as bibliotecas de um projeto

permanente para a compra de livros, para se ter uma coleção com o maior número de obras e de autores.

O francês Gabriel Naudé provocou uma verdadeira ruptura com a concepção do livro. Com o surgimento das comunidades acadêmicas ou científicas, houve uma inversão, isto é, maior interesse pelo conteúdo da obra do que pela sua aparência e as bibliotecas passam a ser consideradas instrumentos de trabalho. A partir de então, as ideias de Naudé foram sendo divulgadas por adeptos e surgiu outra representação de biblioteca, um lugar dinâmico, diferente de museu.

Não se pode deixar também de dizer do papel da biblioteca, na origem da nova cultura cristã no século VII, na Renascença carolíngia, assim como também da sua importância à cultura do século X.

A vida urbana foi também um impulso às bibliotecas das catedrais. Elas se desenvolveram de tal forma que tiraram dos mosteiros a hegemonia exercida como principais centros culturais e tornaram-se os principais centros culturais do século XII, quando houve o desenvolvimento de escolas catedráticas por professores de inquietudes intelectuais. Os livros poderiam ser consultados e emprestados, mas, na verdade, as bibliotecas catedráticas também não foram bibliotecas vivas.

E foram, assim, surgindo as primeiras universidades, ainda sob a tutoria de ordens religiosas, porém a caminho da laicização. As universidades causaram mudanças intelectuais e sociais que afetaram o desenvolvimento das bibliotecas europeias entre os séculos XIII e XV. As universidades de Oxford e de Sorbone, por exemplo, tiveram grandes bibliotecas. Criou-se uma demanda de livros sem precedentes com a criação de novas universidades que foi preciso abrir as portas das bibliotecas existentes, passando, assim, a partir do Renascimento, a adotar um caráter mais democrático.

Pode-se dizer que o Renascimento significou uma reviravolta na economia política da leitura, criou novos tipos de livro e novas formas de lê-los. A coleção de livros raros e importantes e a organização em bibliotecas passam a ser uma constante na vida dos homens de letras. A criação das bibliotecas renascentistas marcou uma nova era na história das bibliotecas.

A partir do momento que os livros vão saindo dos mosteiros para as universidades, vão também mudando a forma de ler a que Chartier (2007), chama de *revolução da leitura*.

Estilo e modalidade da leitura

A história da leitura é feita de mudanças significativas quanto ao *estilo* e às *modalidades*. Sobre o estilo, entre 1500 e 1750, na Europa ocidental, a leitura era altamente intensiva. O leitor intensivo deparava-se com um número limitado de livros lidos, relidos, memorizados; leituras demoradas, que perpetuam sob os mesmos textos ou as mesmas formas passando de geração a geração, um trabalho de apropriação lento, atento e repetido. Leitura apoiada na escuta e na memória, reverencial e respeitosa. Liam-se poucas obras: a Bíblia, alguns livros de devoção, o almanaque, a Biblioteca Azul, mas todos lidos repetidamente. Tal maneira de ler era marcada fortemente pela sacralidade. A Era do Pergaminho se dobra diante da Era do Papel, quando a oralidade vai perdendo força para o diálogo privado e solitário da página impressa *gutenberguiana*.

Já sobre as modalidades, vale ressaltar principalmente a passagem da leitura oral à leitura silenciosa e visual, que durou toda a longa Idade Média. A leitura oral era indispensável ao leitor para a compreensão do sentido, comunicando o texto aos que não o sabiam decifrar. Durante essa época, os textos ainda eram constituídos e realizados com a voz e com o corpo e eram criados e recriados no processo de interação e improvisação. O “autor oral” está sempre ali. Em todos os lugares, a comunicação oral teve prioridade e um livro era considerado publicado se fosse lido em público por um criado, a quem denominavam de leitor, ou pelo próprio autor. Os copistas gregos, escribas redigiam o texto em colunas, sem divisões, sem pontuação e sem minúsculas.

A transformação da leitura foi lenta, durou toda a longa Idade Média, quando a leitura mais quieta dos séculos ganhou o mundo das escolas e das universidades no século XII, época em que as bibliotecas ganharam novos espaços para além dos mosteiros, com o surgimento das cidades e das universidades da Europa. Segundo Chartier (2009b, p.82 e 1999b, p.98), “a leitura silenciosa antes restrita aos *scriptoria* monásticos, chega dois séculos mais tarde às aristocracias leigas”.

Vêm dos séculos XIII e XIV as primeiras regras a impor silêncio nas bibliotecas, quando aumentaram os leitores, que liam sem murmurar. Até então, os livros contavam mais com ouvintes do que com leitores. Mesmo a leitura silenciosa, compreendida como um processo de longa duração, tendo tornado prática comum, a

leitura em voz alta permanece ligada a práticas de convívio social. A leitura silenciosa torna-se mais rápida entre os séculos XV e XVIII quando se multiplicam as divisões do texto (versículos, capítulos, artigos, parágrafos). Para Chartier (2009a), a diferença entre leitura oral e leitura silenciosa pode ser entendida como um índice das distâncias socioculturais em uma dada sociedade.

Três modalidades de leitura coexistem na época medieval que caracterizam diferentes leitores ou diferentes práticas do mesmo leitor. Conforme Chartier (2007, p.41),

A leitura silenciosa, *in silentio*, a leitura em voz baixa, chamada murmúrio ou ruminção, que serve de suporte à meditação e de instrumento de memorização, enfim, a leitura pronunciada em voz baixa que exige uma técnica particular e se aproxima muito da recitação litúrgica e do canto.

Esses diferentes modos de ler têm diversos fins: aumentar os recursos disponíveis para a invenção e a composição. Os poucos hábitos de leitura são dos religiosos - meditação e oração. O aparecimento das universidades, das escolas urbanas e da invenção da imprensa provoca mudanças significativas na forma de ler.

Por volta de 1450, com a invenção da imprensa por Gutenberg, surgiu uma nova técnica baseada nos tipos móveis e na prensa. A primeira tecnologia de reproduzir palavras em massa, o primeiro *processador* de texto, delimitou a linha divisória entre a tecnologia medieval e a moderna, constituindo, dessa forma, o primeiro artigo de comércio a reproduzir-se uniformemente. Assim o tipógrafo substitui o copista.

Desde seu surgimento, quando era caligrafado página por página, por ser manuscrito, pelo seu caráter artesanal, o livro era considerado obra de arte. Mas ele vai perdendo este status quando surge o livro impresso e vai devorar mais e mais papel. A Bíblia de Gutenberg inaugura, oficialmente, a fundação da imprensa no Ocidente. Cada página é formada de duas colunas, contendo 42 linhas, por isso ser conhecidos por *B-42*. A Bíblia foi o livro mais editado no período dos incunábulo (do latim *incunabulum*, berço). Denominação dada aos livros lançados até o ano de 1500 e no período anterior.

É a intervenção da máquina, pela primeira vez nas comunicações humanas, que faz crescer a produção de livros, quando, outra vez, muda-se a finalidade da biblioteca, que, durante séculos, pouco interagiu com a produção editorial e com o movimento das ideias. Contudo, ao mesmo tempo, ela é conflitante, porque o conhecimento aguça a rebeldia pela consciência das condições e dos direitos.

A primeira transformação de ordem técnica, representada pelo advento da impressão, afetou as práticas de leitura. Com a propagação dos livros e dos escritos constatou-se que o crescimento de leitores poderia ser uma ameaça, porque amplia o horizonte de conhecimento e desenvolve a capacidade de consciência crítica da realidade. A resistência era, pois, de os leitores e de as leitoras por não lerem a literatura indicada pelas autoridades e ideólogos, liam para satisfazer suas necessidades emocionais, intelectuais, sociais e pessoais.

Segundo Chartier (2007), mesmo com a invenção de Gutenberg, o manuscrito, no século XVII, continua sendo uma modalidade fundamental de circulação dos textos. Isso porque assegura maior controle sobre a circulação das obras e mantém os textos longe dos leitores, tidos como ignorantes. Além do que a “publicação manuscrita é uma resposta às corrupções introduzidas pela impressão, que submete aos interesses econômicos [...]” (CHARTIER (2007, p.190).

Os tempos modernos apresentam, também, uma diversificação de leitura, de biblioteca, diferente de outras épocas. Pensa-se também ser uma revolução, visto que os leitores mais hábeis e mais numerosos adquiriram a possibilidade de ler como se lê hoje, só com os olhos, enquanto nos primeiros séculos da Idade Média se necessitava ler em voz alta para entender o texto. Como escreve Chartier (1999a, p.77), “os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem”. De acordo com esse historiador, a leitura da Idade Média se traduziu conforme a realidade do mundo da cultura manuscrita, assim como a leitura do século XVIII instalou-se dentro de uma estabilidade técnica da imprensa de Gutenberg e, no século atual, da eletrônica.

No século XVIII, com a cultura escrita, a leitura que era demorada e constituída de um conjunto limitado de livros lidos, relidos, foi sendo substituída, por uma maneira mais rápida de ler. Daí surge a ideia de uma *revolução extensiva* da leitura no lugar de *leitura intensiva*.

Revolução extensiva da leitura

Conforme Chartier (1999a), no decorrer do século XVIII, assiste-se a uma mudança referente ao estilo de leitura representado pelo deslocamento da leitura intensiva para a *leitura extensiva*. Surge, assim, uma maneira mais rápida, passageira,

pode-se dizer mais devoradora de se ler. Contribuiu para esta mudança, o aumento da produção do livro e a redução do preço, o pequeno formato, o aumento do número de jornais, além do surgimento das bibliotecas itinerantes. Entre as pessoas instruídas, consumidoras de muitos textos, a leitura é outra.

O leitor extensivo lê com rapidez inúmeros impressos, principalmente romances e jornais que, depois de lidos uma única vez, são deixados para outros leitores. A *revolução da leitura* do século XVIII trouxe múltiplas maneiras de se ler. Essa revolução é caracterizada como um perigo para a ordem pública uma vez que “afasta os súbditos dos seus príncipes e os cristãos das suas igrejas” (CHARTIER 1999b, p.100). A mudança quanto à forma de ler causou temor e, ao mesmo tempo, trouxe a censura como consequência.

Para Chartier (1999b, p.25), o papel pedagógico, aculturador, disciplinador, atribuído aos textos, colocados em circulação para numerosos leitores, donde também, os controles exercidos sobre o impresso submetido, a uma censura que deveria apartar tudo o que pusesse em perigo a ordem, a religião ou a moral, passarem, por exemplo, por censuras administrativas, judiciárias, inquisitoriais, escolares dentre outras.

No século XVIII, a imagem de biblioteca modifica-se, agora como ponto de discussão, com o surgimento dos centros intelectuais, das academias, dos cafés que proporcionaram a formação das assembleias literárias de amigos e das próprias bibliotecas. Sugere-se, assim, uma biblioteca com mais vida, um lugar onde as pessoas possam se encontrar, onde o silêncio dê espaço à criação e ao diálogo, uma abordagem mais humana e socializadora.

É o início da leitura pública que substitui a leitura institucionalizada e vai ocasionar o aumento da demanda de livros e de bibliotecas. Também foram criadas as bibliotecas nacionais, neste século, sendo as mais importantes a Biblioteca Nacional Francesa e a Espanhola. Destaca-se também a Biblioteca Nacional de Portugal que foi transferida para o Brasil (hoje Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

E durante o século XX, o desenvolvimento do computador propiciou inúmeras inovações, inclusive às bibliotecas. Na década de 60, chega a internet. Com ela, ocorreu mudança nos padrões tradicionais do livro que passa de impresso para o livro eletrônico ou hiperlivro. São livros disponíveis em bases eletrônicas, transmitidos por meio de redes virtuais, lidos numa tela de computador. Esta revolução eletrônica veio nos

mostrar que a história das maneiras de ler vai do rolo antigo ao códex medieval e do livro impresso ao texto eletrônico; e, por meio dessa pluralidade, percebe-se que as histórias da leitura estão entrelaçadas à vida de cada povo, em diferentes épocas.

A atual revolução é, para Chartier (1999b), historiador francês, incontestavelmente, mais importante que a de Gutenberg, pois enquanto a imprensa alterava somente a forma de reprodução do texto, a eletrônica altera a técnica de reprodução, as estruturas e o suporte físico.

Para Chartier (2007, p. 18), “a intervenção de Gutenberg, de modo algum, aboliu o papel da cópia manuscrita como suporte de publicação e transmissão de textos”, por isso, para ele é um exagero de linguagem falar em *revolução impressa*, pois o livro existe, compreendendo também sua forma moderna, muito antes da impressão. Para ele, no lugar de uma “revolução do impresso”, seria conveniente falar de uma evolução dos livros e das formas de se ler, porque os caracteres móveis foram inventados e utilizados na China, na Coreia e no Japão, antes de Gutenberg.

A escrita, desde que foi inventada, há mais de cinco mil anos, foi uma das formas mais sofisticadas de tecnologia. Com ela oculta-se a dimensão do *corpo de voz* de quem fala e passa-se ao registro visual, uma reconstrução fonética do que vê. A escrita permite ordenar, fixar o pensamento, constituir uma linearidade, é a construção cumulativa e combinatória de outros mundos.

O aparecimento da escrita digital coloca-nos diante de uma terceira revolução, sendo a primeira; a invenção da própria escrita e da figura do leitor que lhe está associada; a segunda, a passagem do rolo (*volumen*) ao códice. O códice veio, assim, ocupar o lugar do rolo e a imprensa substituiu o manuscrito como forma maciça de reprodução e difusão.

Esse novo livro, promovido por um suporte virtual, transformou as relações sensoriais, elementos importantes no processo de leitura, pois a tela não possibilita a sensação afetiva do toque, do manuseio, como o livro tradicional. Apenas a visão atua de forma extensiva no livro eletrônico. Os sentidos no qual se faz presente o tato, o contato direto com o objeto, produzem significado, seduzem o leitor ou a leitora, a visão, que é atraída pela cor e pelo formato, e até o olfato que identifica pelo cheiro se o livro é velho ou novo; a audição ao ouvir o som das páginas virando.

Decifrá-lo com requinte ou com volúpia, devorá-lo por inteiro deixando a imaginação voar para lugares possíveis e improváveis, já não faz mais parte da atual estrutura, a virtual. A distribuição e organização do texto em uma tela não são a mesma dos livros do leitor medieval, moderno e contemporâneo, do livro manuscrito ou impresso.

Esta é simultaneamente, revolução do texto eletrônico e da revolução da leitura. Para Chartier (1999b, p. 100), “Ler sobre uma tela não é ler um códex. [...] ela substitui a materialidade do livro pela imaterialidade de textos em lugar específico”. É a substituição do rolo (*volumen*) pelo livro em cadernos (códex). Esta transferência do patrimônio escrito de um suporte ao outro causa violência imensa aos textos, pela sua fragmentação diante da sua contribuição histórica e, ao mesmo tempo, traz infinitas possibilidades. Possibilidades de função ideais à biblioteca?

O texto eletrônico elimina fronteiras de intervenção do leitor ou da leitora no livro impresso, possibilitando submeter o texto a múltiplas operações como: produzir um índice, anotações, cópias, divisões de texto em partes, recomposições e ainda mais, o leitor ou a leitora pode tornar-se seu ou sua co-autor/a. A distinção marcada no livro impresso entre autor/a e texto desaparece. As relações de unidade passam a ser uma livre composição de fragmentos de textos; diferente do livro tradicional que passam a existir a navegação do texto. E o leitor ou a leitora, a partir de fragmentos recortados e reunidos, forma um novo texto, segundo uma nova lógica de sentido.

Estas mudanças impõem uma redefinição quanto às novas maneiras de ler, às novas relações com a escrita, e às novas técnicas de concepção do texto. É um processo que ultrapassa o livro impresso. Seu conteúdo, bem como os conceitos de autoria alarga o conceito de leitura, uma vez que a interatividade é um elemento constante nesse novo formato, que permite o alargamento da noção de leitura e inúmeras mudanças nas práticas de leitura.

O texto eletrônico parece concretizar um sonho muito antigo da humanidade, o sonho da biblioteca universal, que para Chartier (1999a), pode-se resumir em duas palavras, universalidade e interatividade, excitando as imaginações ocidentais desde a Alexandria, quando o texto ainda se apresentava sob a forma de rolos e uma obra ocupava até trinta rolos.

É o texto eletrônico que divide a história das maneiras de ler do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico. Como se nota, o texto vive uma pluralidade de existências. A eletrônica é apenas uma dentre elas. O novo suporte do texto permite manuseios e intervenções do leitor infinitamente mais livres do que qualquer uma das formas antigas do livro. Não há dúvida de que o *CD-ROM (Compact Disk Read Only Memory)* é um dos mais avançados formatos do livro na atualidade; o *Smart ebook*, o *Rocket ebook* e o *Softbook* são seguros e capazes de armazenar milhões de informações.

Essa mutação cultural do escrito para o audiovisual, do papel para as telas do computador, da quietude do texto impresso para a interatividade da informática própria do mundo ocidental levam alguns a acreditarem até mesmo que o fim do livro está próximo. É o caso do canadense McLuhan que em 1964, afirmava que uma nova tecnologia elétrica ameaçava a antiga tecnologia e que o livro impresso, com certeza, deixaria de desempenhar o papel central na cultura.

Eco (1994) nos leva a refletir sobre qual a atual função da biblioteca, suas finalidades certas ou incertas. Dentre os aspectos indiscutíveis está o do acesso permitido às estantes. Mas, não parece tão insignificante dizer que uma biblioteca tem acesso permitido às estantes?

Segundo ele, a principal função da biblioteca está em proporcionar a descoberta de livros que nem se imaginava existirem e que se revelam tão importantes quanto àqueles de que se foi em busca. É lógico que se descobre estas preciosidades no folhear de catálogos, “mas não há nada mais revelador e apaixonante do que explorar as estantes que reúnem possivelmente todos os livros sobre um determinado tema” (idem, p.16).

Assim, “a função ideal de uma biblioteca é de ser um pouco como a loja de um alfarrabista, algo onde se podem fazer verdadeiros achados, e esta função só pode ser permitida por meio do livre acesso aos corredores das estantes” (ECO, 1994, p.3). A concepção de biblioteca, segundo Eco, é a de um recinto criativo.

De acordo com Eco (1994), dimensionar a biblioteca à medida do homem, aumentará o dever da escola, das entidades municipais etc., de educarem os jovens para o uso da biblioteca.

É preciso ensinar aos jovens como se usa a biblioteca, como se usa um visor para microfichas, como se usa um catálogo, como

se discute com os responsáveis pela biblioteca se não cumprem o seu dever, como se colabora com os responsáveis pela biblioteca. [...] da maneira de consultar o livro [ECO, 1994, p.24].

Segundo Muller (1984 p.14), a biblioteca ajuda “a transformar o velho em novo; o estranho em tolerável; o novo em questionável, o tornar as coisas maravilhosas”. Para ela, nos livros de uma biblioteca se encontram todos os interesses da vida. E é, segundo ela, “uma das obrigações da biblioteca mostrar à sua comunidade que isto é verdade que em seus livros estão todos os seus pensamentos, os sonhos”.

Considerações finais

Mesmo diante de tantos avanços tecnológicos, atualmente, a biblioteca tem sido um lugar pouco atrativo, com usuários que a frequentam, esporadicamente, vão a busca de um livro para copiá-lo, se educação básica ou fotocopiá-lo, se graduação. A pouca atração para adentrar as portas da biblioteca, conseqüentemente dificultará adentrar as páginas do livro, formar leitores e leitoras.

Estudiosos norte-americanos acreditavam que no início deste milênio, as bibliotecas estariam num prédio, com salas de vídeo e áudio conectadas às casas das alunas e dos alunos, permitindo conexões imediatas. Caberiam, então, às/aos profissionais da área, criar a biblioteca virtual, um sistema bibliotecário eletrônico, com informações virtuais, permitindo às usuárias ou usuários folhearem eletronicamente os livros nas imagens de estantes do seu próprio recinto domiciliar; tanto que o norte-americano Young acredita que a profissão de bibliotecário será substituída pela de criar bibliotecas virtuais, que consistirá das somadas informações acessíveis, e disponíveis em qualquer lugar. As instalações físicas da biblioteca, nesse sentido, se tornariam apenas como um ponto de recuperação que constituiria de uma base de dados, centralizada com textos completos.

Diante inúmeras revoluções ocorridas ao longo dos séculos quanto à leitura, à biblioteca, pode-se dizer que ambas ainda se mantêm distantes dos leitores e das leituras nos recintos escolares e a biblioteca e não se objetivou a formação do/a leitor/a.

Referências

BARATIN, Marc e JACOB, Christian (Dir). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no ocidente*. Trad. de Marcela Mortara, 2.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

BATTLES, Mate. *A conturbada história das bibliotecas*. Trad. João Virgílio Gallerani Cuter. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2003.

CAVALLO, G. e CHARTIER, R. (orgs). *História da leitura no Mundo Ocidental*. Tradução de Fulvia Moretto, Guacira Machado e José Antônio Soares. São Paulo: Ática, 2002. vol. 1.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009a.

_____. (org.). *Práticas da leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. 4.ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009b.

_____. *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII*. Trad. Luzmaras Cursino Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

ECO, Humberto. *A biblioteca*. Trad. de Maria Luísa Rodrigues de Freitas, Lisboa: Difel, 1994.

GRAFTON, Anthony. Como criar uma biblioteca humanista: o caso de Ferrara. In: BARATIN, Marc e JACOB, Christian (Dir). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no ocidente*. Trad. de Marcela Mortara, 2.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006, p. 169 – 181.

MACEDO, Neusa D. de. *Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual*. São Paulo: SENAC: Conselho Regional – 8ª Região, 2005.

MÜLLER, Suzana P. Machado. Biblioteca e sociedade: evolução da interpretação de função e papéis da biblioteca. *R. Esc. Biblioteconomia*. UFMG, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 7-54, mar. 1984.

SILVA, Waldeck Carneiro de. *Miséria da biblioteca escolar*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção Questões da Nossa Época: v.45).